



A FENOMENOLOGIA E A HERMENÊUTICA NO PENSAMENTO DE PAUL RICOEUR¹

Cristiane Pieterzack²

O programa fenomenológico de Edmund Husserl pretende responder a uma crise de identidade da filosofia. Ele representa uma tentativa de tornar a filosofia uma ciência dotada de metodologia rigorosa. O pensamento hermenêutico de Paul Ricoeur não pode ser adequadamente compreendido sem o reconhecimento da contribuição que sobre ele exerce a fenomenologia de Husserl. A fenomenologia sofrerá, contudo, profundas transformações após o encontro com a hermenêutica. Que contribuições e que transformações são estas? Para dar conta da questão, nosso primeiro objetivo é analisar, através de pesquisa bibliográfica, a fenomenologia husserliana. O segundo, é reconstruir o itinerário filosófico do pensamento de Ricoeur até chegar ao seu projeto de “abrir o mundo” através da interpretação textual. Na primeira fase de seu programa, Husserl questiona a pretensão da epistemologia das ciências naturais de fornecer às ciências humanas o único modelo metodológico válido propondo a fenomenologia como um novo método capaz de fazer da filosofia uma ciência rigorosa. A intenção é fundamentar a linguagem, especificamente a lógica pura, como ciência fundamental que permite às outras ciências conhecerem seus pressupostos. Posteriormente, na fase da fenomenologia transcendental, Husserl vai colocar a linguagem como elemento secundário no conhecimento da realidade, voltando-se para a filosofia da consciência. Ricoeur se apropria tanto do método da análise intencional quanto da teoria da constituição do sentido; dispensando, porém, o ideal de cientificidade presente no programa husserliano, a saber, a pretensão de auto-fundação da intuição na consciência de si, que Husserl chama de mundo da vida, vida da consciência ou subjetividade pura. Ricoeur opõe ao ideal de justificação última um limite fundamental, que é a condição ontológica da compreensão. No conceito ricoeuriano de hermenêutica enquanto interpretação, o sujeito não é o fundamento último, mas faz parte da própria coisa sobre a qual interroga e pretende conhecer. Ricoeur define esse tipo de relação como uma relação de pertença. Pela pertença se esclarece a radical finitude do conhecimento, que, aliás, constitui a própria experiência hermenêutica. A compreensão é sempre finita porque é uma experiência hermenêutica mediada pela linguagem. A linguagem, embora necessária e inevitável, nunca é rigorosamente universal: tem os limites de seus códigos. A principal transformação ocorrida na fenomenologia a partir do encontro com a hermenêutica é a passagem do mundo da vida ao mundo do texto. Ricoeur entende que a fenomenologia não levou às últimas consequências sua própria descoberta, a saber, que também a consciência tem o seu sentido fora de si mesma, e que por isso estamos sempre e já aquém da distinção entre sujeito e objeto. Para ele, o ser, a consciência, o eu, são resultados da interpretação do mundo criado pelo texto, aparecendo como a última, e não a primeira categoria da compreensão. O ser não aparece no início ou antes da atividade reflexiva, mas no final, no momento da apropriação de um novo ser-no-mundo aberto pelo texto. Antes dos objetos e dos sujeitos, há o mundo. A subjetividade se instaura nessa relação com o mundo que sempre a precede, não em termos lógicos ou em termos históricos, mas em termos hermenêuticos e ontológicos. O sujeito se coloca diante de um objeto no contexto específico da pertença. O contexto instaura a



ENERGIA E ALIMENTOS

XVI Seminário de Iniciação Científica

XIII Jornada de Pesquisa

IX Jornada de Extensão

UNIJUI . 23 a 26 de setembro de 2008



intrínseca incompletude da tarefa hermenêutica de fazer aparecer aspectos do ser que, embora reais, são sempre parciais. No contexto de pertença ou de ser-no-mundo, a ênfase é posta na questão do sentido. Trata-se de uma questão ontológica, que em Ricoeur, torna-se uma questão hermenêutica na medida em que reconhece que este sentido encontra-se, na maioria das vezes, dissimulado por tudo aquilo que impede o acesso a ele. Cada um pode ter acesso direto à sua existência, contudo, não pode ter, com a mesma imediatez, acesso ao seu sentido. É na escolha pelo sentido contra toda atitude naturalista-objetivista, que se encontra a principal contribuição da fenomenologia para a hermenêutica, pois tratar do sentido é reconhecer o caráter lingüístico de toda experiência. Conservar um sentido não idealista de epoché ou de distanciamento significa reconhecer que a subjetividade não tem domínio soberano sobre o sentido ao qual se dirige, não podendo ser constituída em fundação última.

¹ Trabalho parcial da dissertação de Mestrado em Filosofia

² Aluna do Mestrado Interinstitucional UFSM-UNIJUI em Filosofia